



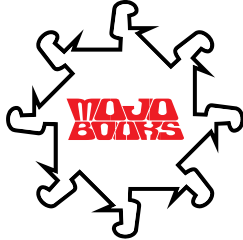
recontado por
VANGE LEONEL

rita lee
ATRÁS DO PORTO TEM UMA CIDADE

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

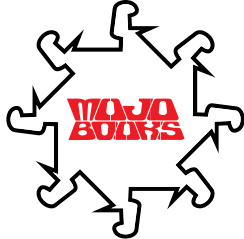
Danilo Corci
organizador



VOLUME 31

**ATRÁS DO PORTO
TEM UMA CIDADE**
rita lee

recontado por **VANGE LEONEL**



VOLUME 31

**ATRÁS DO PORTO
TEM UMA CIDADE**
rita lee

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

Julho de 2007

Todas as noites ela sonhava quase a mesma coisa. Praticamente o mesmo sonho com algumas variações. Havia uma mala, roupas para colocar dentro dela e uma urgência inexplicável para sair de onde estava.

Às vezes era uma viagem com destino incerto, mas sempre repentina. E ela, afobada, não partia sem tentar colocar na mala tudo o que julgava ser preciso levar consigo. O sonho seguia e a mala continuava aberta, suas coisas espalhadas, ela sem achar o necessário, o necessário nunca muito claro, a urgência da partida atormentando a mente, a mente atormentada atrapalhando os pensamentos, os pensamentos desorganizados esquecendo o necessário e o coração disparando ao ver a mala ainda aberta, incompleta, e a partida cada vez mais próxima.

Certas vezes era uma fuga. Ela precisava escapar de um lugar muito ameaçador e, não sabia porque razão, tinha que levar a maldita mala. Detalhe talvez insignificante, a mala quase sempre era vermelha, dura, daquelas retangulares, com os cantos ligeiramente arredondados e uma alça da mesma cor. E quase sempre



estava aberta, num canto, esperando para ser preenchida por toda sorte de pertences que lhe escapavam.

Outro elemento constante nesses sonhos era o prazo. Quanto mais lhe escapavam os pertences, mais sentia uma urgência inexplicável de sair dali. Sob a pressão de uma hora-limite, tendo que fugir o mais rápido possível, ela se complicava tentando colocar suas coisas espalhadas pelo mundo afora dentro de uma mala aberta e sempre incompleta.

Sentia-se como Mary Poppins ao contrário. Em vez de tirar uma infinidade de coisas úteis de dentro da bolsa, tentava em vão colocar tudo aquilo que pensava precisar numa mala sem fundo para uma partida invariavelmente próxima e que nunca se realizava.

Ela acordava desses sonhos extenuada. Despertava cansada de catar roupas, papéis e objetos incontáveis. Era um círculo vicioso. E o dia da partida nunca chegava, pois sempre acordava antes que a mala estivesse pronta. Ela sempre acordava incompleta. Ela e a mala.



Tomava o café da manhã meio jururu. Sabia que tudo não passava de um sonho, mas se sentia frustrada por não haver resolução, fim ou desfecho naquilo. Pior é que a angústia vivida em sonho contaminava seus dias. Ela ficava puta por não conseguir controlar o rumo dos seus sonhos. Seria tão fácil dar um fim àquela insânia! Bastava dar-se por satisfeita com o que colocara na mala, estalar o fecho e partir.

Mas não. Não conseguia mandar nos seus sonhos. Mal conseguia mandar em sua própria vida.

Seus sonhos se repetiam e ela repetia todo dia a mesma rotina. Café da manhã, cem passos até o ponto de ônibus, duzentos pensamentos passando lentos como as ruas pela janela do coletivo, o som difuso das vozes dentro e fora de sua cabeça, motores e buzinas de um tráfego intenso como trilha sonora, a monotonia daquilo, o sono que a assaltava e, finalmente, o susto ao perceber a chegada súbita ao ponto onde deveria saltar. Rapidamente, despertava do torpor.

Mas era só chegar à mesa de trabalho para voltar àquele



estado hipnótico: o ritmo cadenciado das teclas, pixels no monitor piscando rápida e imperceptivelmente, a luz intermitente e entrelaçada que emanava da tela, a cabine isolada em que se encontrava, o fone em seu ouvido acoplado ao pequeno microfone à boca, a lista de números a serem discados, o texto que repetiria durante todo o dia para convencer possíveis consumidores a comprar um filtro purificador e a sinfonia de vozes, de todos os tons e timbres, que ouviria do outro lado da linha.

Odiava aquele emprego. Telemarketing era fim de linha. Não raro, pensava em pedir demissão, jogar tudo para o alto e mudar de vida. Mas, entre um telefonema e outro, a vontade passava. Não iria se demitir: não sabia direito se lhe faltava coragem ou era apenas preguiça de tirar a bunda da cadeira e fazer algo a respeito. Além disso, precisava da grana. Procurar outro trabalho custaria tempo e dinheiro.

Estava fazendo um pé-de-meia. Não havia decidido ainda como usaria sua pequena poupança. Talvez viajasse. Talvez comprasse uma nova TV. No fundo, sabia que guardava seus miúdos por medo do futuro. Um dia, poderia precisar daquele dinheiro. Poderia ficar doente. Poderia envelhecer mais cedo do que imaginava e pagaria uma enfermeira para cuidar dela. De qualquer maneira, deveria estar preparada. Sentia-se mais segura assim.



Quando chegasse a hora, ela estaria pronta e sacaria seu dinheiro para uso imediato. Guardava, acumulava e se precavia.

Por isso agüentava aquela função maçante de repetir o texto da tela ao telefone. Aliás, já nem lia. Havia decorado o texto, o que tornava o trabalho automático, quase fácil. Às vezes era até divertido imaginar-se uma gravação, um ciborgue repetidor de frases, um mero aparelho ou uma secretária eletrônica com voz de alto falante de aeroporto. Quanto mais se fazia de máquina, menos sentia o incômodo.





Uma tarde, porém, enquanto digitava os dados de um comprador, começou a sentir um ligeiro formigamento nas pontas dos dedos. Concluída a venda, levantou-se, foi tomar um cafezinho, estendeu os braços e fez a seqüência de alongamentos que aprendera num curso sobre lesões por esforço repetitivo promovido pela própria empresa para minimizar as faltas dos funcionários.

Quando voltou ao computador, já se sentia melhor. Continuou telefonando. Depois de algumas horas, o formigamento voltou. Mas não nas mãos. Havia descido para o dedão do pé. Estranho aquilo. Nunca havia imaginado que sintomas de LER pudessem se manifestar nos pés já que não os movimentava repetidamente no expediente. Vai ver o problema era exatamente esse: permanecera muito tempo com os pés estáticos e eles ficaram dormentes.

Bateu com a sola no chão algumas vezes para fazer o sangue circular novamente. Aos poucos, seus pés voltaram ao normal.

No ônibus, regressando para casa, pensou que era melhor se inscrever numa academia para se exercitar. Nunca havia tido



problemas de circulação, mas achava que talvez a idade lhe enviase sinais do desgaste corporal. Ainda bem que guardava um dinheirinho na poupança. Não teria problemas em arcar com o gasto extra de uma academia. Sabia que não havia sido tola em se precaver.



ATRÁS DO PORTO
TEM UMA CIDADE

IV

Naquela noite, sonhou novamente o mesmo sonho: a mesma mala, a viagem pendente e a correria para apanhar seus pertences. Agitou-se entre os lençóis, virou-se de um lado para o outro e, como sempre, acordou de repente antes da partida.

Acendeu a luz de cabeceira, deu um gole no copo com água que sempre deixava ao lado do criado-mudo e deitou novamente a cabeça no travesseiro. Ficou olhando para o teto, refletindo, e então ouviu uma voz, quase inaudível, lhe chamando.

Ela se assustou. Olhou para os lados, levantou-se da cama, calçou suas havaianas, andou pela casa e a voz continuava a chamar. Será que ainda estava sonhando?

Voltou para o quarto e sentiu aquele formigamento no dedão do pé, igual ao que sentira no escritório. Sentada na cama, puxou o pé para si e o massageou, estimulando a circulação em suas veias.

Foi então que, surpresa, percebeu de onde vinha aquela voz inaudível: de seu próprio dedão! Não era possível: aquilo só podia ser sonho!

Porém, seu dedão continuava a emitir sons. Percebeu então que ele falava palavras bem articuladas e perfeitamente audíveis. “Escute bem, você pode não ter se ligado, mas estou cansado de você. Estou farto! Não agüento mais essa vidinha besta que você leva. Andei pensando muito a respeito, tentei de todas as maneiras me comunicar com você, me ‘enformiguei’ todo, mas agora você vai ouvir, nem que eu tenha que gritar. Cansei! Cansei de você! Estou dando o fora, vou dar tratos à bola e fugir daqui, ouviu bem?”

Ela, tentando acreditar que ainda sonhava, não quis dialogar com o próprio dedão. Que absurdo, coisa sem propósito, ele nunca a deixaria, era parte integrante de seu próprio corpo e estava atado por veias, ligamentos, tendões, cartilagens e nervos. Além de tudo, era ela quem mandava no seu corpo. Não iria ceder a tão intempestivas ameaças.

“Não se faça de tola”, disse o dedão, “mesmo que você se recuse a falar comigo eu posso ouvir seus pensamentos repercutindo dentro deste corpo ao qual estou ligado — pelo menos por enquanto.”

“Há-há-há”, ela agora ria alto, com ironia, provocando. “Duvido que você saia de mim assim, tão facilmente!”

Dito isso, seu dedão, que sempre fora arrebitado e orgulhoso,



convocou todos os outros nove dedos dos pés que, pelo visto, eram seus fiéis camaradas ou apenas puxa-sacos. Ao som de dez pequenos estalos quase simultâneos, seus dedos desgrudaram-se de seus pés. Como feijões saltitantes, saíram aos pulos pela casa.

Assombrada, ela tentou persegui-los, mas, ao levantar da cama, desequilibrou-se e caiu. Não estava acostumada a andar sem os dedos dos pés. Quando conseguiu estabilizar-se sobre pés mancos e alcançou a sala, percebeu que seus dedos já não estavam lá. Pularam a janela e se mandaram dali.





Beliscou-se, jogou água no rosto e concluiu que, definitivamente, aquilo não era um sonho. Alarmada, permaneceu acordada, sentada na poltrona, desejando que seus dedos voltassem e lhe pedissem desculpas por atitude tão ingrata.

Mas, nada! O tempo passava, ela continuava ali e nada acontecia. O dia amanheceu, passou a hora de sair para o trabalho e ela sequer se moveu. Diante da situação absurda que enfrentava, pensou, não faria mal faltar um dia no serviço. Alegria estar sofrendo de LER, o que não era, afinal, uma mentira. Além disso, não encontrava ânimo. Como sairia sem os dedos dos pés?

Decidiu então esperar mais um pouco e planejar seus próximos passos sem dedos. Entre idas e vindas, seu pensamento não saía do impasse: não faria nada por ora, pois seus dedos poderiam voltar; além disso, não se sentia completa sem eles, de maneira que não adiantaria mesmo fazer qualquer coisa; qualquer coisa que fizesse sem seus dedos, pensou, não seria feito por ela, mas por alguém incompleto, menos que ela, um eu subtraído dela; então, nada faria, senão esperar.



“Você não presta mesmo”, disse uma voz fora de sua cabeça.

Seriam seus dedos que voltavam para tirar uma com a sua cara? Ela olhou para a janela e viu apenas as cortinas ao vento.

“Não, sua besta, aqui embaixo!” Ela olhou para baixo e percebeu que suas mãos falavam com ela.

“Como você pode nos menosprezar tanto assim? Se não tem seus dedos dos pés, você ainda conta com suas mãos para fazer o que bem entender!”

Pasma, e cedendo de vez àquela insânia, resolveu então levar um lero com suas mãos, tentando convencê-las que eventualmente seus dedos dos pés voltariam, afinal, que vida haveria para eles fora de seu próprio corpo?

As mãos puseram-se a defender os dedos dos pés e, menos toscas e mais habilidosas, argumentaram que aquilo de fazer todo dia a mesma coisa não era vida para elas. “Qualquer dia desses sofreremos lesões por esforço repetitivo. Nós merecemos muito mais que ficar teclando todo dia as mesmas idiotices! Nós temos mais habilidades do que você imagina, nós podemos aprender muitas coisas, criar outras e, além disso, queremos alguém para amar e você não está nos ajudando!”

“O que eu posso fazer?”, ela perguntou. “Eu também quero



fazer muito mais do que faço atualmente, mas as coisas não acontecem assim, só por querer. Nós precisamos nos preparar antes. Não dá para se atirar assim no escuro. Eu preciso juntar dinheiro, eu preciso planejar, eu preciso garantias! A vida não é como vocês estão pensando!”

“Chega! Você não está nos dando ouvidos! Você vai ver só, nós vamos lhe dar uma lição! Vai ficar também sem suas mãos!”

Dito isso, suas mãos se desataram dos braços, agarraram as cortinas esvoaçantes e aproveitaram o balanço para se lançar para fora de casa.

Tentando enxugar suas lágrimas de raiva e desespero com o coto dos braços, ela continuou lá, sentada na poltrona sentindo pena de si mesma, num ritual de autocomiseração. Encaramujouse, choramingou mais um pouco e, porque nada mais restava a fazer, pegou no sono ali mesmo.

Foi quando o motim aconteceu. Enquanto sonhava o mesmo sonho, com a mesma mala e a mesma afobação para apanhar seus pertences, cada uma das partes do seu corpo foi dando o fora dali.

Os pés sem dedos, as canelas sem pés, as coxas sem canelas, os braços sem mãos, o tronco sem membros: todos se destacaram, se despregaram dela e saíram sorrateiramente pela janela,



deixando na poltrona apenas sua cabeça cheia de sonhos.

Quando acordou e se viu sem corpo, ela arregalou os olhos. Tentou gritar, mas suas cordas vocais haviam partido na companhia de seu pescoço. Só lhe restava a cabeça, com tudo o que havia nela: seu cérebro, seus pensamentos, sua raiva, seu espanto, sua exasperação, sua irritação e a vaga lembrança de um sonho que havia sonhado e que intuía ser o mesmo de sempre.

Tentou mover-se da poltrona, mas sua cabeça apenas rolava de um lado para o outro. Pensou em se jogar do assento ao chão, mas pensou que seria melhor permanecer no macio. Tomada de apreensão, ponderou que sua cabeça poderia ser a próxima a abandoná-la. Entrou em pânico. Sem cabeça, o que restaria dela?

Um ser incoseqüente, louco e demente?

Raciocinou e concluiu que, sem cabeça, não teria com o que se preocupar. Acalmou-se. Ficar sem cabeça não seria problema ao passo que, por ora, teria que lidar com ela. Olhou para os lados e imaginou que talvez estivesse fadada a passar o resto de sua vida naquela poltrona, dormindo, sonhando, acordando, dormindo, acordando e sonhando. Não precisaria comer, pois não tinha mais estômago. Não precisaria amar porque não tinha sexo ou coração. Não precisaria nem respirar se não quisesse, pois



nem pulmões ela possuía. Seria pura mente, viveria de meditar. Quem sabe não fosse tão mal, afinal faquires e monges viviam sem muito. E se o tédio sobreviesse, não seria de todo ruim: ela já estava acostumada.



VI

Já se habituara àquela vida de rolar a cabeça no assento da poltrona, pensando, sonhando, dormindo e acordando. Um dia, porém, despertou assustada com o barulho da maçaneta da porta. Alguém tentava entrar em sua casa!

De início, temeu que fosse um ladrão. Depois, ficou esperançosa: mesmo que fosse um assaltante, poderia obter alguma vantagem e propor a ele que a tirasse dali. Em troca, entregaria a ele parte de sua poupança. Seria um bom plano. Sabia que fora uma boa idéia guardar aquela grana no banco.

Quando ouviu pancadas mais fortes, como se alguém tentasse arrombar a porta, teve certeza de tratar-se de um ladrão forçando a entrada. Afinal, qualquer mal intencionado que visse o maço de correspondências e cardápios de disque-pizza entupindo a caixa de correio poderia deduzir que o morador estava ausente, o que era apenas meia-verdade, pois ela não estava de todo afastada. Só seu corpo não morava ali.

Na terceira ou quarta tentativa, a tranca cedeu e a porta se abriu. Um vulto trôpego se lançou para dentro da sala, quase



desabando junto com a porta, mas sem se deixar cair. Assim que se ergueu, veio em sua direção a passos firmes e decididos. Foi então que ela percebeu quem entrava em sua casa: seu próprio corpo sem cabeça!

Ela sentiu um misto de alegria ao vê-lo novamente e raiva porque ele a abandonara durante o sono — sacanagem que lhe custava perdoar. Enquanto o corpo parado à sua frente parecia fitá-la, embora não tivesse olhos, ela imaginou que a melhor estratégia seria esboçar uma reação de alegria e acolhimento. Seria melhor fingir que relevava o abandono, para então ganhar aquele corpo de volta.

Ao esboçar os primeiros movimentos com lábios trêmulos, seu corpo lhe deu as costas e dirigiu-se ao quarto. Aflita por não poder segui-lo, ou chamá-lo, tentou prestar atenção aos ruídos que vinham de lá. Ouviu um barulho de armários se abrindo e coisas sendo mexidas. Por fim, seu corpo voltou à sala com uma mala vermelha à mão. Colocou a mala sobre o sofá, tirou alguns pertences que estavam lá dentro, virou-se novamente para ela, apanhou-a, colocou a cabeça que era ela dentro da mala, trancou os fechos e saiu pela porta, ganhando as ruas.



VII

Dentro da mala, ela apenas sentia um balançar para frente e para trás. Seu corpo provavelmente caminhava e o movimento coordenado dos braços provocava aquele vai-e-vem. Para onde ia? Para onde seu corpo levava a mala com ela dentro? Talvez planejasse uma viagem. Talvez apenas andasse pelas ruas da vizinhança, sem se afastar muito.

Na escuridão da mala, ela imaginou possíveis destinos. Preocupou-se com a possibilidade de seu corpo, sem a orientação de sua cabeça, se perder no mundo. Entretanto, notava que as pernas caminhavam e contornavam esquinas de maneira decidida, como se já soubessem o rumo desejado. Sentiu-se enganada, sendo levada por um corpo ingrato que já lhe abandonara uma vez. Incomodava-a ser conduzida contra sua vontade e sem saber aonde ia. Ficava aflita.

Mas seu corpo não queria saber de parar quieto. A mala balançava na cadência dos passos e, na escuridão, sua aflição deu lugar a uma sensação de impotência, a sensação de impotência degenerou em raiva, a raiva cresceu e ela começou a bater a ca-

beça contra todos os cantos da mala. Dolorida, percebendo que sua atitude intempestiva de nada adiantava, voltou a se sentir impotente e aflita. Por fim, resignou-se. Decidiu se deixar levar por seu corpo cego e resolutivo.

No mesmo instante, sentiu o balanço cessar. Parecia que seu corpo havia parado de caminhar e pousara a mala no chão. Em seguida, foi deitada e o fecho, aberto. Uma luz intensa invadiu o interior da mala e fez com que ela espremesse os olhos. Aos poucos, foi se acostumando à luminosidade e conseguiu enxergar à sua volta. Notou que estava numa praia.

Seu corpo estendeu os braços, retirou sua cabeça da mala, colocou-a na areia de frente para o mar e sentou-se ao lado dela, como se, juntos, fizessem o oceano. Sua cabeça e seu corpo, separados, ainda que lado a lado, permaneceram em silêncio olhando o horizonte.

Quando a tarde caiu e o crepúsculo tornou-se tão imponente que nada mais se via, senão os múltiplos matizes tingindo tudo o que havia, seu corpo apanhou a cabeça, colocou-a sobre o pescoço como se fosse um gesto corriqueiro e jogou-se ao mar, deixando a mala para trás.

A cada braçada naquela imensidão de água salgada, sentia-se mais leve. Não havia cansaço. Alegrou-se por ser novamente



alguém que possuía cabeça, tronco e membros integrados. Sentia-se, aliás, mais completa do que jamais havia sido um dia. Estava só, no meio do oceano, sem mala, sem pertences e ainda assim considerava-se plena.

Avistou então um pequeno barco pesqueiro que vinha em sua direção e acenou para ele como se faz para um velho amigo que há muito não se vê. Achando que ela era uma náufraga pedindo por socorro, o barco se aproximou e os pescadores lançaram uma bóia atada a uma corda.

Ela apanhou a bóia sem relutância. O barco vinha em boa hora, pensou. Mesmo não sentido cansaço após nadar tanto, seu estômago, há muito tempo sem almoço, roncava de fome. Aceitou de bom grado ser resgatada.

Subiu ao barco, confraternizou com a tripulação e pensou ser aquele um ótimo lugar para ficar. Informada que permaneceriam no mar por algumas semanas até que a pescaria terminasse, ofereceu-se para ajudar no serviço.

O que faria depois da pescaria, sequer imaginava. Não sentia vontade de planejar nada. Porém, tinha certeza de haver um porto para atracar e, atrás do porto, uma cidade para recomeçar a vida. Não se sentia preparada, mas achou que isso era um bom sinal.

FIM



ATRÁS DO PORTO
TEM UMA CIDADE

SOBRE A CANTORA

Rita Lee Jones Carvalho é sinônimo de rock'n'roll no Brasil. Cantora e compositora nascida em 1947, continua sendo uma figura popular e respeitada pelo público e pela crítica até hoje. Começou sua carreira musical em 1966, quando montou a antológica banda *Os Mutantes* em parceria com Arnaldo Baptista e Sérgio Dias. Após 1972 ingressou em carreira. Entre seus maiores sucessos estão "Menino Bonito", "Ovelha Negra", "Mania de Você", "Luz del Fuego", "Panis et Circensis", "Jardins da Babilônia", "Chega mais", "Doce vampiro", "Lança Perfume", "Saúde", "Flagra", "Pega Rapaz".

CRÉDITOS ORIGINAIS

ATRÁS DO PORTO TEM UMA CIDADE - RITA LEE

Lançado em 1974

Selo: Polydor

Produzido por Rita Lee e Tutti-frutti

Para mais informações sobre a cantora, visite:

www.ritalee.com.br



ATRÁS DO PORTO
TEM UMA CIDADE

SOBRE A AUTORA

Vange Leonel nasceu em 1963. Cantora, compositora e escritora, lançou três discos entre 1987 e 97 - *Nau*, *Vange* e *Vermelho*. Em 99 estreou como escritora com o livro *Lésbicas*, ratificando seu posicionamento sexual. Mais três livros se seguiram: *Grrrls - Garotas Iradas*, *As Sereias da Rive Gauche* e *Balada para s Meninas Perdidas*. Em 2006 escreveu a peça de teatro *Joana Evangelista*. Vange ainda é bastante lembrada pelo seu *hit* "Noite Preta", tema da novela *Vamp* e que lhe valeu o Prêmio Sharp em 1992.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

ATRÁS DO PORTO
TEM UMA CIDADE



31 ATRÁS DO PORTO TEM UMA CIDADE

RITA LEE

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. DE PÉS NO CHÃO
2. YO NO CREO PERO...
3. TRATOS À BOLA
4. MENINO BONITO
5. PÉ DE MEIA
6. MAMÃE NATUREZA
7. ANDO JURURU
8. ECLIPSE DO COMETA
9. CÍRCULO VICIOSO
10. ...TEM UMA CIDADE

